

APRESENTAÇÃO DOS GTS E DOS COORDENADORES - GT-14  
(PRESENCIAL): CORPO, MEMÓRIA E IDENTIDADE NAS POÉTICAS  
BRASILEIRAS, PORTUGUESAS E AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

**AINDA ESTOU AQUI: MEMÓRIA E RESISTÊNCIA**

*Valdinei Caes (valdinei.caes@unemat.br)*

*Shirlene Rohr De Souza (shirlene.rohr@unemat.br)*

O escritor contemporâneo, romancista, roteirista, dramaturgo e ativista político Marcelo Rubens Paiva tem contribuído para repensar a história recente do Brasil, marcada pela repressiva e violenta Ditadura Militar (1964–1985). Em *Ainda estou aqui* (2015), obra que completou sua primeira década de publicação em 2025, o autor revisita, sob um viés memorialístico, autobiográfico e ficcional, suas vivências durante o regime ditatorial. Cabe ressaltar que, em 2024, Walter Salles, inspirado pelas páginas de *Ainda estou aqui*, dirigiu o longa-metragem homônimo e projetou para o mundo o sofrimento da família Paiva em decorrência do nefasto regime, que violou direitos humanos, assassinou inocentes, destruiu famílias, aumentou a desigualdade social e desmantelou o processo democrático brasileiro. Foram vinte e um anos de repressão e silenciamento das vozes dissonantes, enquanto o discurso oficial pretendia combater o comunismo e preservar, de forma ilusória, a ordem, a segurança e o progresso. Sendo assim, este estudo tem como objetivo demonstrar em que medida o romance *Ainda estou aqui* se apresenta como uma obra de memória e resistência, além de investigar as razões pelas quais o autor-narrador-personagem identificou a necessidade de reexaminar os escombros da Ditadura e narrar suas memórias cinquenta anos depois. Para a

leitura e análise da obra, adotam-se os aportes teóricos de Jacques Le Goff (1990), para estudar as convergências entre história e memória; Maurice Halbwachs (1990), que investiga a interdependência entre a memória individual e a coletiva; e Paul Ricoeur (2007), com intuito de refletir sobre a relação entre memória e esquecimento. No que se refere à questão da autobiografia, recorre-se a Philippe Lejeune (2014), enquanto Anna Faedrich (2022) discute as teorias da autoficção, e Karl Erik Schollhammer (2011) propõe reflexões sobre a ficção brasileira contemporânea. Conclui-se que *Ainda estou aqui* constitui-se como uma narrativa de (re)existência simbólica, em que a dor pessoal é transformada em ato político e testemunho coletivo, reafirmando a literatura como espaço de memória, denúncia e resistência.

Palavras-chave: ditadura memória autobiografia resistência.